

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a)
autor(a), o texto completo desse
trabalho será disponibilizado
somente a partir de 19/02/2026.

MICHELLE LUENGO SEGANTINI

**ÁLVARO LINS E A RECEPÇÃO CRÍTICA DO ROMANCE
EURÍDICE (1947), DE JOSÉ LINS DO REGO**

ASSIS

2024

MICHELLE LUENGO SEGANTINI

**ÁLVARO LINS E A RECEPÇÃO CRÍTICA DO ROMANCE
EURÍDICE (1947), DE JOSÉ LINS DO REGO**

Dissertação apresentada à
Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de
Ciências e Letras, Assis, para a
obtenção do título de Mestre em
Letras. (Área do conhecimento:
Literatura e Vida Social. Linha
de pesquisa: Leitura, Crítica e
Teoria Literária).

Orientador: Dr. Márcio Roberto
Pereira

ASSIS

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Renata Bianchui Prado - CRB 8/056/2023

S454a Segantini, Michelle Luengo
Álvaro Lins e a recepção crítica do romance *Eurídice*
(1947), de José Lins do Rego / Michelle Luengo
Segantini. — Assis, 2024
127 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Dr. Marcio Roberto Pereira

1. Literatura brasileira - História e crítica. 2. Rêgo,
José Lins do 1901-1957. 3. Lins, Alvaro, 1912-1970.
I. Título.

CDD 869.909

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

Ao retomar os textos de Álvaro Lins (1912-1970), o foco aqui são seus apontamentos críticos e teóricos sobre José Lins do Rego (1901-1957). O estudo limita-se ao romance *Eurídice* (1947), uma das obras menos estudadas de sua produção. A função histórica e cultural é resgatar tanto a crítica de Lins quanto o romance de José Lins.

Returning to the texts of Álvaro Lins (1912-1970), the focus here is his critical and theoretical notes about José Lins do Rego (1901-1957). The study is limited to the novel *Eurídice* (1947), one of the least studied works of his production. The historical and cultural function is to rescue both Lins' criticism and José Lins' novel.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MICHELLE LUENGO SEGANTINI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 19 dias do mês de fevereiro do ano de 2024, às 14:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de MICHELLE LUENGO SEGANTINI, intitulada **ÁLVARO LINS E A RECEPÇÃO CRÍTICA DO ROMANCE EURÍDICE (1947), DE JOSÉ LINS DO REGO**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. MARCIO ROBERTO PEREIRA (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Estudos Linguísticos e Literários / UNESP/FCL - Assis/SP, Profa. Dra. DANIELA MANTARRO CALLIPO (Participação Virtual) do(a) Departamento de Letras Modernas / UNESP/FCL - Assis/SP, Profa. Dra. LUCIANA BRITO (Participação Virtual) do(a) UENP - Jacarezinho/PR. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. MARCIO ROBERTO PEREIRA



À minha Mãe Iracéli (in memorian)

Por todo amor, cuidado, atenção, paciência e exigência quando não tive maturidade para compreender os desafios da vida. Por cada olhar interpretativo acerca do que se passava em meu coração. Pelos abraços e colos em todos os momentos possíveis.

Ao meu Pai Otair,

Por empenhar-se em me fazer uma mulher íntegra e honesta. E por, nos últimos meses, ressignificar o amor entre nós.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conduzir pelas alegrias e desafios da vida.

Ao professor Dr. Marcio Roberto Pereira por me orientar nesta pesquisa.

Aos professores Dr^a Daniela Mantarro Callipo, Dr. Francisco Cláudio Alves Marques e Dr. Rubens que muito contribuíram com meu conhecimento ao ministrarem suas disciplinas.

Ao professor Dr. Marcos Antonio Rodrigues por me privilegiar com sua erudita e alegre companhia que tanto agregou ao meu retorno à Universidade.

À professora Dr^a Luciana Brito por ter aceitado o convite para participar da Banca Examinadora e preciosa arguição dispensadas ao trabalho.

À professora Dr^a Tania Regina Montanha Toledo Scoparo pela atenta leitura e valiosas contribuições.

Ao médico oftalmologista Dr. Luiz Victor Rodrigues, ser humano extraordinário, por tratar com extrema competência e dedicação minha visão acometida por estrias angioides, decorrentes de pseudoxantoma elástico, permitindo-me concluir este trabalho.

Aos funcionários do programa de pós-graduação em Letras da UNESP de Assis pela ajuda nos momentos de burocracia.

À minha amiga Ericka Carolinne Miranda de Araújo por me apoiar, incentivar-me e ser a fortaleza que me sustentou em inúmeros momentos.

“[...] Há na predileção do Sr. Álvaro Lins pela obra do Sr. José Lins do Rego muita saudade do homem do Recife, saudade das velhas ruas e igrejas, das praias de Olinda, dos engenhos de dentro e de fora. Mas a crítica impressionista do Sr. Álvaro Lins não é impressionável, enfim, por impressões sentimentais” (CARPEAUX, 1999, p. 461-462)

RESUMO

O objetivo desta dissertação é estudar a crítica literária de Álvaro Lins (1912-1970) dirigida ao escritor brasileiro José Lins do Rego (1901-1957), mais especificamente, acerca do romance *Eurídice* (1947). Desse modo, o intuito é revisitar a recepção crítica da obra de maneira que ela possa ser repensada quanto ao seu (não)lugar no cânone nacional. Partimos do pressuposto de que, em um primeiro momento, há um olhar ligeiro e positivo sobre o romance reguiano, mas que pode ter acarretado possíveis equívocos e exageros. Álvaro Lins define que o procedimento narrativo psicológico não é condizente com o perfil literário do escritor paraibano, de forma que *Eurídice* constitui a “parte fraca” de sua ficção. Neste rastreio, intenta-se rever os procedimentos dos textos críticos e os delineamentos temático-formais da obra. Sendo assim, analisamos a visão geral do crítico sobre o escritor; após esse panorama, investigamos a técnica do romance psicológico e a possível falha na concepção das personagens que são, na visão do crítico, os maiores defeitos do romance. Para contrabalancear, realizamos uma releitura da obra trazendo à tona elementos importantes que podem nos fazer repensar a sua importância na história da literatura brasileira. Desconstruir alguns de seus apontamentos taxativos, mas contribuindo para o avanço dos estudos sobre *Eurídice* é o intuito principal. Por fim, a premissa é exaltar a crítica que germina na formação da fortuna crítica sobre José Lins e elevar igualmente o livro, já que há determinados fatores que podem redefinir seus pontos positivos.

Palavras-chave: Crítica literária; Álvaro Lins; romance; *Eurídice*.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to study the literary criticism of Álvaro Lins (1912-1970) directed to the Brazilian writer José Lins do Rego (1901-1957), more specifically, about the novel *Eurídice* (1947). In this way, the intention is to revisit the critical reception of the work so that it can be rethought regarding its place in the national canon. We start from the assumption that, at first, there is a succinct look at the José Lins' novel that may have led to possible misunderstandings and exaggerations. Álvaro Lins defines that the psychological narrative procedure is not consistent with the literary profile of the writer from Paraíba, so *Eurídice* constitutes the weak part of his fiction. In this screening, it is intended to review the procedures of the critical texts and the thematic-formal outlines of the work. Therefore, we analyze the critic's overview of the writer; after this outlook, we investigate the technique of the psychological novel and the failure in the conception of the characters that are, in the critic's view, the greatest defects of the novel. To counterbalance, we carried out a reinterpretation of the novel, bringing to light important elements that can make us rethink its importance in the history of Brazilian literature. Finally, the promise is to exalt the criticism that germinates in the formation of the critical fortune about José Lins and equally elevate the book, because there are certain factors that can define its positive elements.

Keywords: Literary criticism; Álvaro Lins; novel; *Eurídice*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – ÁLVARO LINS E O PANORAMA GERAL DA PRODUÇÃO DE JOSÉ LINS DO REGO.....	22
CAPÍTULO II – A DESAPROVAÇÃO DE <i>EURÍDICE</i> : FALTA DE DOMÍNIO DA TÉCNICA DO ROMANCE PSICOLÓGICO?.....	42
CAPÍTULO III – MAIS DESAPROVAÇÃO E FRACASSO: INSUFICIÊNCIA NA COMPOSIÇÃO DAS PERSONAGENS?.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS	85
ANEXOS.....	93

INTRODUÇÃO

[...] O valor literário não é garantido, não pertence a uma característica dada de antemão e para sempre; pelo contrário, qualquer obra, mesmo aquela chamada de “clássico” – um termo espúrio – precisa do discurso crítico para continuamente mostrar por que tem algo a nos dizer (DURÃO, 2016, p. 20).

A crítica literária, conforme bem explicada nas palavras de Fábio Akcelrud Durão, professor e pesquisador da UNICAMP, adota uma *posição* diante da obra; concepções que, de fato, não são ou estão totalmente consolidadas. A visão do crítico não é um veredito sobre o texto literário, mas cumpre um papel determinante de pensar e repensar a obra de arte em determinado contexto de produção. Nesse aspecto, o valor estético precisa ser constantemente legitimado pelos estudos artísticos e literários. A crítica, portanto, implica em julgamento e gosto (já que há escolhas e recortes do que se lê) com a finalidade de avaliar as obras, ora isoladamente, ora dentro do panorama de um determinado cânone, até mesmo assimilar sua evolução dentro do próprio projeto estético do autor.

Nesse trâmite, Álvaro Lins (1912-1970), importante crítico literário da primeira metade do século XX, acompanhou parcela significativa da produção nacional e estrangeira tanto dos séculos passados quanto de sua época de atuação. Por meio de um discurso bastante valorizado, já que se tornou uma das vozes mais prestigiadas do momento, pois seus escritos emitidos nos principais veículos midiáticos da época – o jornal –, eram de suma relevância na representação e na consagração de um escritor. Em vista disso, é fundamental o esforço de compreender o contexto de produção em que o crítico se insere: “[...] parece importante depreender os princípios nos quais ele se apoia e a base de dados de sua análise, para depois explicitar sua lógica e sua argumentação, a fim de julgar a validade da conclusão à qual chega esse comentário” (RALLO, 2005, p. XIX). No caso de Lins, ele se posicionou sobre os mais variados gêneros, como a poesia, o teatro e a prosa; todavia, é acerca do romance que se encontra elaborada as mais bem realizadas páginas de sua crítica e teoria.

O crítico lê e acompanha o romance nacional, sobretudo, a prosa que coincide com seu período de atuação – o romance regionalista dos anos 30 –; seu ideal é elencar o que merece ser consagrado, distinguindo os bons escritores dos ruins. Tendo isso em mente, na pesquisa apresentada buscamos compreender suas percepções sobre José Lins do Rego (1901-1957) e, mais especificamente, acerca do romance *Eurídice* (1947). Elegemos tal recorte pelo fato de o crítico elogiar a produção do prosador nordestino (principalmente, as obras do ciclo da cana-de-açúcar) e se desagradar, quase que totalmente, do romance em que o autor buscava determinada *inovação formal*, que era exatamente o que Lins cobrava dos artistas. Talvez, aí já apareça a primeira contradição, mas que será desenvolvida a discussão no decorrer do trabalho. O incômodo gerado por *Eurídice* nos faz especular e levantar hipóteses variadas de como o crítico leu e concebeu a obra.

Álvaro Lins não hesitou em dizer que a obra não lhe agradou e que constitui a parte “fraca” da produção do escritor paraibano. Na posição de influente personalidade da época e colaborador de importantes periódicos, suas percepções contribuíam para a canonização de um escritor, assim como para a sua derrocada. Atuante no meio jornalístico, configurou-se como grande propagador da cultura nacional, acompanhando a produção artística do país e a internacional. No caso de Lins do Rego, ele se mostra um leitor que seguiu à risca sua produção literária. É certo que acompanhou o projeto estético de diversos escritores do momento: quase toda a geração regionalista de 30 e os primeiros expoentes do movimento modernista de 45, lendo prosadores como Guimarães Rosa (1908-1967) e Clarice Lispector (1920-1977)¹.

Álvaro Lins se destacou como grande estudioso da prosa de ficção; não é por acaso que recebeu estimados elogios de Antonio Candido (1918-2017): “[...] creio poder dizer que ele é o maior crítico de ficção que já apareceu no Brasil” (1947, p. 13). Para Candido, a crítica direcionada aos textos em prosa são os mais

¹

Lins recepcionou o livro de contos *Sagarana* (1946) no caso de Guimarães Rosa; quanto a Clarice Lispector ele analisou os primeiros romances: *Perto do Coração Selvagem* (1943) e *O Lustre* (1946). Infelizmente, não houve tempo oportuno para conhecer e nos beneficiar com sua crítica sobre as outras grandes obras desses dois grandes prosadores.

difíceis de se realizar, pois ela é “a pedra de toque para se reconhecer o *verdadeiro crítico*, aquele que funde sensibilidade com poder de analisar. É a mais complexa e a mais delicada” (Idem, p. 13, ênfase acrescentada). Outro reconhecimento de peso foi o de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), chamando-o de “imperador da crítica” brasileira, pois tamanha era a dimensão de sua imponência; tal título lhe conferido, no qual sente-se um misto de ironia e simpatia de Drummond por Lins, consta em um artigo que o poeta lhe escreveu em homenagem após seu falecimento, “O Escritor e sua Paixão”, publicado em 6 de junho de 1970, no *Jornal do Brasil*. Para uma maior percepção da crítica produzida no momento e o trajeto de Álvaro Lins no contexto midiático da época, nos valeremos das palavras de Flora Sussekind:

Os anos de 1940 e 1950 estão marcados no Brasil pelo triunfo da “crítica de rodapé”. O que significa dizer: por uma crítica ligada fundamentalmente à não-especialização da maior parte dos que se dedicam a ela, na sua quase totalidade “bacharéis”; ao meio em que é exercida, isto é, o jornal – o que lhe traz, quando nada, três características formais bem nítidas: a oscilação entre a crônica e o noticiário puro e simples, o cultivo da eloquência, já que se tratava de convencer rápido os leitores e antagonistas, e a adaptação às exigências (entretenimento, redundância e leitura fácil) e ao ritmo industrial da imprensa; a uma publicidade, uma difusão bastante grande (o que explica, de um lado, a quantidade de polêmicas e, de outro, o fato de alguns críticos se julgarem verdadeiros “diretores da consciência” de seu público, como costumava dizer Álvaro Lins); e, por fim, a um diálogo estreito com o mercado, com o movimento editorial seu contemporâneo (SUSSEKIND, 2002, p. 16-17).

Também, conforme Bolle, é apontada a presença de Lins e seu respectivo triunfo entre 1940 e 1950, de modo que “cada rodapé de Álvaro, no *Correio da Manhã*, tinha o dom de firmar um valor literário desconhecido ou contestado. E quando arrastava um autor, o melhor que o arrastado tinha a fazer era calar a boca” (BOLLE, 1979, p. 47). Embora esse prestígio do texto crítico seja válido, pois Frye chega a afirmar que a “matéria da crítica literária é uma arte, e a crítica evidentemente é também uma espécie de arte” (FRYE, s/d, p. 11). Em contrapartida, sabemos também que, *a priori*, a crítica e a teoria são elementos ancilares dos trabalhos artísticos, servindo para estudá-los e interpretá-los, mas nunca com o intento de construirmos conclusões irrevogáveis e acabadas dos autores e de seus livros. Críticos e teóricos têm a função de colocar em evidência

características e particularidades que ainda não foram levantadas acerca de uma determinada obra. Álvaro Lins, portanto, foi o pioneiro na recepção de muitos romancistas brasileiros, de modo que seus escritos foram a gênese da formação da fortuna crítica de diversos prosadores (também de poetas e dramaturgos).

Partindo de tais pressupostos, o trabalho que apresentamos tem por premissa tratar da recepção crítica de José Lins do Rego, visto que o crítico pernambucano leu com afinco os romances do escritor paraibano. Em especial, o foco é a obra de 1947, *Eurídice*, já que muito instiga por ter desagradado o crítico e pelo fato de haver poucos trabalhos que se destinam a tratar do romance. Como objeto de estudo, o *corpus* de análise dessa pesquisa, contamos com três ensaios sobre a ficção de Lins do Rego. Eles se encontram em *Os mortos de sobrecasaca* (1963), compondo a segunda parte da obra, “Experiências de Horizonte para o Romance Contemporâneo”, integram o capítulo 8, que se intitula “Sucessos e Insucessos do Menino de Engenho”: I – “Memória e imaginação na capacidade criadora de José Lins do Rego”; II – “A volta aos romances do Ciclo da Cana-de-Açúcar”; III – “Outra evasão: o fracasso de *Eurídice*”. Tais artigos integram o recorte de estudo proposto nessa dissertação, que pretendemos, em um primeiro momento, discutir a visão geral de Álvaro Lins sobre o projeto estético reguiano. Assim, o capítulo I, “Álvaro Lins e o panorama geral da produção de José Lins do Rego”, é mais abrangente, já que trata de sua concepção sobre o perfil artístico e ideológico do escritor com foco na sua produção romanesca do chamado ciclo da cana-de-açúcar.

Em seguida, conta-se com o capítulo II: “A desaprovação de *Eurídice*: falta de domínio da técnica do romance psicológico?”. Aqui o objetivo é refletirmos sobre o método crítico e os critérios avaliativos que Álvaro Lins utiliza para desaprovar *Eurídice* devido à incursão do autor no procedimento da voz narrativa em primeira pessoa (a técnica do romance psicológico). Para tanto, é necessário traçar algumas ponderações sobre a concepção de romance segundo o crítico; tendo em vista a própria obra e sua respectiva fortuna crítica, analisaremos suas validações, problematizando acerca dos procedimentos temáticos e formais do romance em cotejo.

Nesse caminho, o capítulo III, “Mais desaprovação e fracasso: insuficiência na composição das personagens?”, se constrói com a intenção de

estudar a personagem e a voz narrativa que se mostra inovadora se comparada aos romances elaborados pelo autor até então. Se no capítulo anterior o foco é a composição, a técnica do romance psicológico, já fica claro que a instância narrativa é em primeira pessoa no romance *Eurídice*. Nessa perspectiva, percebe-se uma dificuldade no decorrer desta dissertação em distinguir a voz narrativa e a personagem. Por isso, ancoramo-nos nas palavras de Brait para elucidar mais a questão:

Qualquer tentativa de sintetizar as maneiras possíveis de caracterização de personagens esbarra necessariamente na questão do narrador, esta instância narrativa que vai conduzindo o leitor por um mundo que parece estar se criando à sua frente. [...] não há como fugir desse elemento presente, sob diversas formas, em todos os textos caracterizados como narrativas. Como podemos receber uma história sem a presença de um narrador? Como podemos visualizar uma personagem, saber quem ela é, como se materializa, sem um foco narrativo que ilumine sua existência? Assim como não há cinema sem câmera, não há narrativa sem narrador (BRAIT, 1985, p. 53-54).

O impasse, portanto, foi distinguir dois elementos quase que indissociáveis, na verdade, totalmente imbricados na obra de José Lins – perspectiva/ponto de vista, ou seja, a voz e a personagem –, isso por serem os dois integrantes do romance *Eurídice* que tanto desagradaram o crítico nordestino. Assim sendo, não se encontrou outra divisão para os capítulos do trabalho, selecionando o que ele diz sobre a técnica, de um lado, e o que ele diz sobre a composição da personagem, de outro, apesar de não podermos dissipar a voz que narra da personagem. Sendo Júlio o narrador personagem, evidencia-se quão delicada foi a escolha de estruturação dos capítulos.

Ainda acerca da crítica sobre o romance, a hipótese traçada nos leva a pensarmos na ocorrência de erros (os quais nenhuma crítica está isenta) e possíveis exageros que o crítico possa ter cometido ao escrever no *calor da hora*. Em outras palavras, podemos justificar que não contou com um certo distanciamento histórico e com uma fortuna crítica já estabelecida para tratar do romance. O trabalho ainda se propõe em pensar na questão da recepção imediata em contraponto às reavaliações que a crítica e a história literária podem ressignificar a obra e o autor ao longo do tempo, seja para esquecê-lo ou para torná-lo presente no cânone.

A relação entre literatura e leitor possui implicações tanto estéticas quanto históricas. A implicação estética reside no fato de já a recepção primária de uma obra pelo leitor encerrar uma avaliação de seu valor estético, pela comparação com outras obras já lidas. A implicação histórica manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética (JAUSS, 1994, p. 23).

Portanto, nesse movimento, as considerações iniciais sobre um escritor de modo algum são estanques e acabadas; por isso, a preocupação maior aqui é revermos as avaliações de Álvaro Lins sobre *Eurídice*, pois elas muito desmereceram e questionaram a obra examinada. É primordial ressaltarmos a cobrança e a demanda de textos escritos para um jornal e outro que exigia agilidade do crítico (tanto para ler a obra quanto para escrever sobre ela), e a pressa (inimiga da perfeição) acaba podendo resultar em análises um pouco equivocadas.

Assim sendo, lermos e analisarmos o romance em cotejo e sua pouca fortuna crítica é um fator de importância no desenvolvimento da dissertação. Por isso, nas últimas partes do trabalho, nas “Considerações Finais”, como de praxe, fazemos um apanhado do percurso trilhado, além, é claro, de apontar possibilidades para que outros trabalhos sejam desenvolvidos acerca do tema. Já em Anexos, digitamos os três artigos de Álvaro Lins para que o leitor tenha contato direto com os textos críticos aqui recolhidos e estudados. Ainda nos Anexos, para a consecução desses intentos, selecionamos um recorte da fortuna crítica referente à recepção de *Eurídice*; neste sentido, incluímos textos de Sérgio Milliet (1898-1966), Rachel de Queiroz (1910-2003) e Valdemar Cavalcanti (1912-1982). A escolha de incluí-los junto aos textos de Álvaro Lins é o fato de também corresponderem e comporem os poucos textos de recepção do romance, além de serem um grupo de amigos, como se evidencia na imagem abaixo:

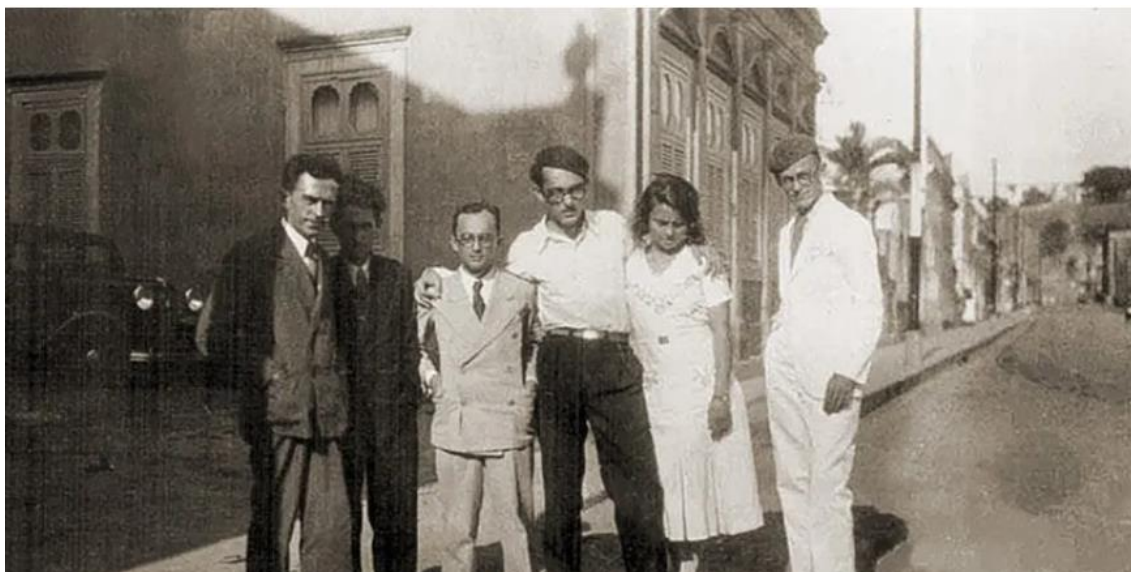


Imagem 1

Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/valdemar-cavalcanti.html>

A foto² mostra o seleto grupo de intelectuais que se encontravam e, principalmente, liam-se. O intuito de trazer a imagem é evidenciar os laços entre Rachel de Queiroz e Valdemar Cavalcanti com José Lins do Rego. Este que não se encontra na imagem por ser justamente o fotógrafo. De fato, os amigos também o leram e cuidaram da recepção de suas obras. Mas, além desses importantes textos pioneiros sobre *Eurídice*, contamos com as contribuições teóricas de Alfredo Bosi (1936-2021) e Antonio Candido (1918-2017) sobre o romance brasileiro e os aspectos do regionalismo.

Para se refletir sobre os mecanismos analíticos de composição do romance são utilizados os estudos recentes de Marcos Antonio Rodrigues: *Álvaro Lins: leitor de Graciliano Ramos* (2015) e *Álvaro Lins leitor do romance brasileiro: da recepção crítica ao legado teórico* (2021), uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado, respectivamente. Acerca do método crítico e inclinações teóricas, isto é, os procedimentos interpretativo-analíticos é essencial a seguinte dissertação: *Os mortos de sobrecasaca, de Álvaro Lins: a formação do cânone modernista brasileiro* (2018), de autoria de Lais Iaci Mirallas de Carvalho. Vale

²

Da esquerda para direita Graciliano Ramos, Aluísio Branco, Théó Brandão, José Auto, Rachel de Queiroz e Valdemar Cavalcanti. Fotografados por José Lins do Rego em 1934.

ressaltar que a pesquisadora ainda continua com o objeto de pesquisa em nível de Doutorado, tese (andamento) que é intitulada *Perspectivas da interpretação: as fronteiras da teoria literária no método crítico de Álvaro Lins*.

Além dessas pesquisas recentes que compõem um nicho ainda pequeno, porém representativo do crítico que vem sendo construído na UNESP (Campus de Assis), há trabalhos predecessores acerca do crítico pernambucano, evidenciando que vale a pena insistir nesta etapa de revisão de literatura sobre Álvaro Lins. Os trabalhos pioneiros são de Adélia Bezerra de Meneses Bolle, *A obra crítica de Álvaro Lins e sua função histórica* (1979), fruto de sua dissertação de mestrado orientada por Antonio Candido na Universidade de São Paulo. É relevante também o livro de Antonio Brasil, *O pensamento crítico de Álvaro Lins* (1985). Trabalhos acadêmicos mais atuais vieram se constituindo ao longo do tempo, como o de Carolina Monteiro de Barros Piran, intitulado *Álvaro Lins: o crítico e suas fronteiras* (2005), é uma Dissertação de Mestrado do programa de Literatura Crítica Literária da PUC – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (mas, o acesso ao trabalho não é disponibilizado *on-line* para consulta). Há ainda a tese de doutoramento de Eduardo Cesar Maia, *Crítica e Contingência: Uma reavaliação da crítica humanista através do perspectivismo filosófico de José Ortega y Gasset e do personalismo crítico de Álvaro Lins* (2013), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Maia ainda é organizador de dois livros: *Álvaro Lins sobre crítica e críticos* (2012) e *Álvaro Lins: sete escritores do Nordeste* (2015). Trata-se de obras de relevância por materializar e colocar em circulação textos de Álvaro Lins no meio acadêmico atual.

Apesar de chamarmos atenção para essa bibliografia acerca do crítico brasileiro, é preciso ressaltarmos que os trabalhos ainda são insuficientes, pois a dimensão do legado por ele deixado precisa ser estudado por mais pesquisadores, tornando-se objetos das mais variadas áreas da esfera artística, histórica e cultural. Nesse caminho, a razão pela qual escolhemos o tema da dissertação consiste, sobretudo, na imprescindível relevância de Álvaro Lins enquanto crítico, ainda mais no que diz respeito ao seu papel de leitor e teórico do romance. Obviamente, sem o pretexto de condenar, apesar do comprometimento com a metodologia e o aparato teórico em certos instantes.

Decerto, nos nossos dias, poderíamos condenar Lins por tender a confundir a figura do autor com a do narrador. Por ser um tanto impressionista, ainda. Ou seja, por não privilegiar o texto em si, o que leva a considerações apressadas. Mas a sua sensibilidade é digna de nota, seu estudo é amplo, sua pesquisa abrangente, apesar da falta de rigor conceitual. *Seu trabalho revela grande acuidade, por exemplo, ao perceber a circularidade e a questão temporal da obra, ao reconhecer que é difícil conceituar o gênero romance, ao sustentar o que hoje nomeia-se intertextualidade* (MAGALHÃES, 2015, p. 105, ênfase acrescentada).

Assim, atestado seu valor enquanto leitor e avaliador de romances, por entender a ordem e os trâmites que regem o gênero, Álvaro Lins teve seu maior mérito enquanto estudioso da literatura em prosa³. Ademais, somamos a isso o fato de ele ter recepcionado e acompanhado José Lins do Rego, um dos grandes romancistas da história literária brasileira. Nesse sentido, é imprescindível atentarmos para sua teoria do romance, tais como definições e conceitos; haja vista, por exemplo, a função do romancista:

Por excelência o ideal do romancista é uma criação de vida pessoal, através dos personagens, e de vida social, através dos ambientes e cenários. Uma criação de vida em todos os sentidos. Além disso, o que vem a ser o romance senão uma luta para adaptar a vida real no plano da imaginação, ao mesmo tempo que para transmitir à vida imaginativa uma sensação e um caráter de verossimilhança? A tática desta luta, o seu instrumento de vitória, vem a ser a técnica. Uma tática que não se aprende, mas surge com o próprio dom do romancista. Ela se descobre ou se aperfeiçoa, porém pelo exercício, pela meditação, pela leitura dos grandes romancistas (LINS, 1970, p. 40).

Em seu conceber, a técnica, como se discutirá ao longo deste trabalho, é o grande elemento ao qual o artista deve estar atento na empreitada de transpor a realidade para o papel. No excerto abaixo, evidencia-se ainda mais sua insistência na técnica do artista:

Muitos romances de sucesso – os romances que têm a duração de uma moda, por exemplo – se constroem, assim, por intermédio de um estilo de escritor e de uma forma que se aprende. Mas fica faltando esta força

³

É interessante que Otto Maria Carpeaux o concebe como um crítico que obteve mais mérito nas análises de poesia. De fato, por ser Álvaro Lins um crítico versátil e de grande capacidade intelectual, ele também pode ser considerado mestre na abordagem de vários gêneros literários (CARPEAUX, 1999, p. 460-461).

íntima que somente vem de uma técnica de romancista. Uma técnica que quer dizer segurança, domínio do caos, afirmação de um caráter. E este caráter particular de uma obra é que a faz salvar-se do naufrágio do tempo, que determina a sua existência para além da sua época. A técnica do romancista revela-se, de modo fundamentalmente, em dois aspectos: *na criação de seus personagens como seres vivos e na sensação de verossimilhança das suas histórias e ambientes*. Não propriamente a sensação de uma realidade existente, mas de uma realidade possível (LINS, 1970, p. 40, ênfase acrescentada).

No estudo, além de seus apontamentos sobre o gênero romanesco, como sendo elementares a construção das personagens e técnica de composição, ainda almejamos propor uma reflexão acerca do método e dos critérios analíticos críticos de Álvaro Lins mais recorrentes em seus textos, ora o associando aos parâmetros crítico-teóricos da época, ora permitindo comparar com a crítica de outros renomados intelectuais sobre a produção do autor paraibano.

Desse modo, justifica-se a elaboração da dissertação pelo fato de que ela retomará um dos principais nomes da crítica literária do país, além de repensar a fortuna crítica de José Lins do Rego, um dos mais expoentes escritores do regionalismo da década de 30, tendo em nosso radar o romance de 1947, pouco estudado e reconhecido até o momento. Isto porque se olharmos tanto para a recepção crítica quanto para trabalhos acadêmicos mais contemporâneos, é ínfimo o número de produção sobre a obra.

Nesse caminho, é válido aproximar dois intelectuais que estiveram muito próximos fisicamente: nasceram em estados do Nordeste que são vizinhos - Pernambuco e Paraíba -, além de migrarem ao Rio de Janeiro, mais especificamente falamos em possíveis encontros concretos, pois ambos foram membros da Academia Brasileira de Letras⁴. Mas, muito além de uma cadeira na ABL, onde conquistaram a merecida vaga no mesmo ano, em 1955, é mais importante neste trabalho o contato que tiveram através da leitura (literatura enquanto sistema), ou seja, o fato de estarem em contato através da obra literária e do texto crítico. Certamente, essa é a confluência que nos instiga, o diálogo entre

⁴ Sobre a ABL vale esclarecer que Álvaro Lins foi eleito em 5 de abril de 1955, aos 42 anos, por unanimidade para se tornar o quarto ocupante da cadeira 17 da [Academia Brasileira de Letras](#), vaga após a morte de [Edgar Roquette-Pinto](#), sendo recebido pelo acadêmico [João Neves da Fontoura](#) em 7 de julho de 1956. José Lins do Rego foi eleito membro da [Academia Brasileira de Letras](#) em 15 de setembro de 1955, para a cadeira 25.

autor/obra com o crítico literário mediando e direcionando o gosto do público leitor, por contribuir para a formação do cânone literário nacional e a história da literatura de nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe o amanhã
(ANDRADE, 1983, p. 172).*

Conforme o poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), lutar com as palavras é uma luta vã, eis uma batalha árdua ao ponto de, às vezes, encontrarmos um javali. A metáfora é apropriada no sentido de que nos remete ao complexo processo da manifestação escrita (também oral) dos enunciados que propagamos. A necessidade do posicionamento é inevitável devido às projeções da linguagem (ideológica, axiológica, exotópica) e de outras ordens diversas que nos levam ao cuidado que devemos ter ao emitir o discurso, no qual há pelo menos dois centros de valores: eu e o outro (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2014 [1929]). É decisivo que o enunciado/texto pode ser múltiplo e evocar diversas questões de acordo com as funções da linguagem; nesse contexto, a obra literária se revela dialógica, polifônica (algumas) e inacabada, isto é, no sentido de sempre ter algo a dizer mesmo sendo lida em tempos diversos, de fato, um ato responsável e responsivo. Mas, não só a literatura, igualmente, as ciências que a estuda também sempre têm algo a dizer, revelando facetas e desdobramentos que podem ser injustos, equivocados e, por outro lado, serem admiráveis, pois a “[...] matéria da crítica literária é uma arte, e a crítica evidentemente é também uma espécie de arte” (FRYE, s/d, p. 11). Não somente a obra, mas também o que se escreve sobre ela e seu criador devem ser tomados como uma espécie de arte.

A crítica literária (re)dimensiona a obra e o autor em determinado lugar; porém, mais do que essa afirmação simplória, o crítico intenta reconhecer as particularidades do texto literário para melhor caracterizá-lo, por fim, há o almejo de situar (ou deslocar) o escritor dentro do seu próprio projeto estético e/ou do cânone nacional ao qual ele tenta se inserir. A tentativa de exclusão também é um esforço movimentado pelo crítico, no sentido de avaliar que certo escritor ou obra não

merece pertencer à história da literatura. Ainda é preciso refletir sobre o fato de que mesmo que seja mal vista não temos crítica sem subjetivismo, pois tanto o gosto pessoal do crítico enquanto leitor deve ser considerado, daí a dificuldade de “criticar a crítica”, isto é, dizer se seus critérios foram justos ou não. Nesse trâmite, portanto, a impressão e o gosto são os pontos de partida do trabalho do crítico, pois um dos meios fundamentais do seu ato é a intuição para se chegar em um juízo de valor sobre o objeto analisado.

Tendo isso em mente, com o trabalho apresentado, tentamos observar as percepções críticas e teóricas de Álvaro Lins sobre o romance *Eurídice*, de José Lins do Rego. É nítido que o crítico portava muito culhão para dizer se determinado artista/obra lhe agradou ou não.

De início, observamos uma apreciação acerca do projeto estético e ideológico do prosador paraibano; na conjuntura, portanto, a obra reguiana muito satisfez o crítico pernambucano. Todavia, no que diz respeito à *Eurídice* não podemos dizer o mesmo, já que o romance o desagradou tanto na técnica de composição – o procedimento narrativo psicológico –, assim como na estruturação das personagens. Embora muitos temas tenham sido problematizados no romance, a leitura do crítico não buscou exaltar nenhum aspecto positivo da obra. A seu ver, a obra constitui uma *falha* ou a parte *fraca* da produção do escritor brasileiro.

Como é sabido, a leitura enquanto processo subjetivo pode provocar interesse ou não pelo objeto de estudo. Álvaro Lins na condição de leitor de José Lins não se agradou do romance de 1947, reprovando sua composição. Concordamos que *Eurídice*, realmente, não é o romance no qual se encontram o melhor da produção do autor paraibano; mas, como estamos diante de um crítico que sempre cobrava inovação na composição e na técnica, parece que, ainda assim, o esforço do escritor não lhe arrancou consideráveis elogios (mínimos que fossem). Nas suas percepções críticas até chega a apontar que há trechos de destaque no romance, nada mais que isso.

Presumimos que mesmo as novidades temáticas poderiam ter sido ressaltadas. No entanto, o crítico focou somente na estrutura composicional da obra, não se comprometendo nem mesmo em se lançar em uma abordagem comparatista, ou seja, tecer comentários a fim de aproximá-lo de outros romancistas de similar temática, estilo ou técnica romanesca. Nem mesmo se

menção *Angústia*, de Graciliano Ramos, ou *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, obras que no que tange aos procedimentos temáticos e formais muito se aproximam de *Eurídice*.

Na percepção do crítico, a técnica do romance psicológico é um procedimento em que José Lins foi infeliz, pois, a seu ver, não a domina; a tendência para o romance realista tradicional é mais viável, já que as obras que compõem o ciclo da cana-de-açúcar são as que representam suas melhores qualidades: a junção entre o lirismo e a memória. No primeiro artigo, exalta-se muito das qualidades de *Água-Mãe* e *Fogo Morto*. O escritor paraibano já consagrado em vida procurou ainda com *Água-Mãe* e *Eurídice* se desprender do modelo que vinha adotando até então. Mas, conforme notado pelo crítico, a técnica do romance psicológico do tipo introspectivo não lhe serviu para ter êxito no âmbito de sua ficção.

Na trilha da recepção crítica de *Eurídice* ainda contamos com os textos de Sérgio Milliet que, por meio de palavras mais moderadas e sutilezas, combina e partilha das mesmas impressões e percepções do crítico pernambucano. Rachel de Queiroz e Valdemar Cavalcanti endossam as qualidades do romance, com tons elogiosos que mais possuem a finalidade de saudar a obra do que de constituir uma análise mais imparcial. Ademais, não se pode desconsiderar que Queiroz, Cavalcanti e Milliet eram amigos de José Lins do Rego. Tais críticos e seus textos muito ajudaram a encontrar manifestações sobre um romance que evocou o silêncio da crítica. Aí se encontra um dos fatores que mais limitaram nosso trabalho, a ausência de uma fortuna crítica e trabalho de recepção crítica sobre *Eurídice*. Todavia, não é o caso de desanimar, muito pelo contrário, trazer à tona a percepção de Álvaro Lins sobre uma obra pouco estudada acrescenta grande teor de ineditismo ao trabalho apresentado.

Nas análises dos três artigos sobre os romances reguianos, levamos em consideração o momento de produção do texto crítico, Álvaro Lins não contou com um certo distanciamento, melhor dizendo, escreveu no “calor da hora”, conforme exigiam e cobravam as edições dos jornais. Muitas vezes, isso também acarretava uma leitura mais rápida da obra literária, mas, de todo modo, muito contribuiu para a formação da fortuna crítica do romance *Eurídice*. Aliás, uma obra muito pouco estudada na história da literatura brasileira. Se a intenção do nosso trabalho é

valorizar o texto crítico de Álvaro Lins, estimar e rever/reler o livro de José Lins também é primordial; estamos diante de dois grandes intelectuais que próximos geograficamente em suas respectivas origens – Pernambuco e Paraíba –, mais unidos ainda foram na contribuição para a história literária e cultura nacional, ora com a escrita da crítica ora da literatura.

REFERÊNCIAS

ABDALA JR., Benjamin. *Literatura Comentada – José Lins do Rego*. São Paulo: Abril Educação, 1982.

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins*. Apresentação de Ivan Cavalcanti Proença; comentário de José César Borba e Marco Morel. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Editora Unesp; Hucitec, 1988.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 2.ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. *Teoria do Romance I: A estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. 1ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

_____. *Teoria do Romance II: As formas do tempo e do cronotopo*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. 1ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

_____. *Teoria do Romance III: O romance como gênero literário*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. 1ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 16.ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. Colab. Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. São Paulo: Hucitec, 2014 [1929].

BATISTA, J. G. *Sentido do trágico em José Lins do Rego*. João Pessoa: Estado da Paraíba, 1987.

BEZERRA, Ricardo. *Feminicídio em Eurídice de José Lins do Rego*. Disponível em: <http://www.ricardobezerra.com.br/artigos/feminicidio-em-euridice-de-jose-lins-do-rego/> Acesso em: 09 ago. 2021.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 49^a. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

BOLLE, Adélia B. de M. *A obra crítica de Álvaro Lins e sua função histórica*. Petrópolis: Vozes, 1979.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo Ática, 1985.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega: Vol I*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega: Vol II*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega: Vol III*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

BRASIL, Antonio. *O pensamento crítico de Álvaro Lins*. Recife: Fundarpe; Rio de Janeiro: J. Olympio, 1985.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

CANDIDO, A. A compreensão da realidade. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 28 dez. 1957.

_____. A personagem do romance. In.: CANDIDO, Antonio. et al. *A personagem de ficção*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. Descaminho e decadência. In. REGO, J. L. *Fogo Morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970. p. xlv-xlvii.

_____. Erico Veríssimo de trinta a setenta. In. CHAVES, Flavio Loureiro (org.). *O contador de histórias*. Porto Alegre: Globo, 1972.

_____. José Lins do Rego. In. *Presença da literatura brasileira*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968. v. 3. p. 250-276.

_____.; CASTELLO, J. A. Modernismo. In. *Presença da literatura brasileira*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968. v. 3. p. 7-33.

_____. Um crítico. In: LINS, Álvaro. *Jornal da Crítica*. 5ª. Série. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1947.

_____. Um romancista da decadência. In. *Brigada ligeira e outros escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004. p. 57-62.

CARPEAUX, Otto Maria. Álvaro Lins e a Literatura Brasileira. In: *Origens e Fins*. Rio de Janeiro: Edições da Livraria – Ed. da Casa do Estudante do Brasil, 1943, p. 367- 378.

_____. *Ensaaios Reunidos*. (1942-1978). Organização, introdução e notas de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

_____. O brasileiríssimo José Lins do Rego. In. REGO, J. L. *Fogo Morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970. p. xi-xvii.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. *Foco narrativo e fluxo de consciência: questões de teoria literária*. São Paulo: Pioneira, 1981.

CARVALHO, Laís Iaci Mirallas. *Os Mortos de Sobrecasaca, de Álvaro Lins: a formação do cânone modernista brasileiro*. 2018. 191f. Dissertação (Mestrado em Letras). UNESP, Assis. 2018.

CASTELLO, José Aderaldo. *José Lins do Rego: Modernismo e regionalismo*. São Paulo: Edart, 1961.

CAVALCANTE, Valdemar. Catete 200. In. *Jornal Literário*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

CHAGURI, Mariana Miggiolaro. *Do Recife nos anos 20 ao Rio de Janeiro nos anos 30: José Lins do Rego, regionalismo e tradicionalismo*. 2007. 211f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2007.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

COUTINHO, A. (Org.). *A literatura no Brasil: Modernismo*. Rio de Janeiro: Global, 1970.

_____. (Org.). *José Lins do Rego* (Coleção Fortuna Crítica). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

DEBATE sobre a Obra "Eurídice". [S. l.: s. n.], Youtube, 17 mar. 2021. Publicado pelo canal TV FUNESC. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4iU7QeoSnRM> Acesso em: 09 ago. 2021.

DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. São Paulo: Ática, 1985.

DURÃO, Fabio Akcelrud. *O que é crítica literária?* 1. ed. São Paulo: Nankin Editorial, Parábola Editorial, 2016.

EAGLETON, T. *Teoria da Literatura*: uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FILHO, Adonias. *O romance brasileiro de 30*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1969.

FORSTER, Edward Morgan. *Aspectos do romance*. Trad. Sérgio Alcides. 4. ed. São Paulo: Globo, 2005.

FRASSON, Mário Augusto. *Da Glória Retórica ao Caso Delgado*: Brasil-Portugal nos anos de Álvaro Lins (1956-1959). 2016. 124f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). UnB, Brasília, 2016.

FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Tradução: Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, s/d.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Veja, 1930.

GERSEN, P. José Lins do Rego e a cultura brasileira. In. COUTINHO, E. F. (Org.) *José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 155-182.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JOBIM, José Luís. Crítica literária: questões e perspectivas. In. *Itinerários*, Araraquara, n. 35, p.145-157, jul./dez. 2012.

_____. História da Literatura. In: JOBIM, José Luís. *Palavras da Crítica – Tendências e Conceitos no Estudo da Literatura*. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1992. (Coleção Pierre Menard).

LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

LEITE, Ligia. *O foco narrativo*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

LIMA, Luiz Costa. José Lins do Rego. In: COUTINHO, A. (Org.). *A literatura no Brasil: Modernismo*. Rio de Janeiro: Global, 1970. p. 283-304.

_____. *O controle do imaginário e a afirmação do romance: Dom Quixote, As relações perigosas, Moll Flanders, Tristram Shandy*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LINS, Álvaro. *A glória de César e o punhal de Brutus: ensaios e estudos*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1963.

_____. *A Técnica do Romance em Marcel Proust*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

_____. *História Literária de Eça de Queirós*. 2ª. ed. Rio de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo: Editora da Livraria Globo, 1945.

_____. *Literatura e vida literária: Notas de um diário de crítica*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A. 1963.

_____. *Notas de um diário de um crítico*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

_____. *O relógio e o quadrante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

_____. *O Romance Brasileiro Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.

_____. *Os Mortos de Sobrecasaca: obras, autores e problemas de literatura brasileira. Ensaios e estudos 1940-1960*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1963.

LOURENÇO, Eduardo. Ficção e realidade da crítica literária. In. *O Canto do Signo: Existência e Literatura (1957-1993)*. Lisboa: Presença, 1957. pp.15-23.

_____. Sinais da nova geração. *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 19 de julho de 1941, p. 2.

MAGALHÃES, Pedro Armando de Almeida. Marcel Proust por Álvaro Lins. In. *Ecos de Linguagem*. v. 7, p. 97-106. 2015.

MAIA, Eduardo Cesar (Org.). *Álvaro Lins: sete escritores do Nordeste*. 1^a. ed. Recife: Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, 2015.

_____. *Álvaro Lins sobre crítica e críticos: ensaios escolhidos sobre literatura e crítica literária*, com algumas das Notas de Um Diário de Crítica. Recife: CEPE, 2012.

_____. *Crítica e Contingência: Uma reavaliação da crítica humanista através do perspectivismo filosófico de José Ortega y Gasset e do personalismo crítico de Álvaro Lins*. 2013. 237f. Tese (Doutorado em Letras). UFPE, Recife, 2013.

_____. O último refúgio do indivíduo: o ideal de autonomia na crítica de Álvaro Lins. In. *Teresa revista de Literatura Brasileira* [18]; São Paulo, 2017. p. 77-92

_____. Para além da erudição e do método: Álvaro Lins e Carpeaux. In. *Teresa* (USP). v. 1, p. 118-138, 2020. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/154942/160115> Acesso em: 15 de set. de 2020.

MANN, T. A arte do romance. In: ROSENFELD, A. (Org.). *Ensaaios*. Trad. Letizia Zini Antunes. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MARQUES, Helton. *A infância no contexto da família patriarcal brasileira e sua representação em Menino de engenho, de José Lins do Rego*. Dissertação (Mestrado em Letras). 131f. UNESP, Assis, 2012.

MEADOWS, Thomas Martin. *The Literary Canon as a Dynamic System of Chaos and Complexity Theory*. (Master of Science). Oklahoma State University, Stillwater, 1986.

MONTEIRO, Adolfo Casais. *O romance* (teoria e crítica). Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

NUNES, Benedito. Crítica literária no Brasil, ontem e hoje. In. *Rumos da Crítica*. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Itáu Cultural, 2000, p. 51-79.

PEREIRA, Marcio Roberto. Perfis da crítica: consolidação de contextos e contextos de consolidação. In. SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de; MEDEIROS, Constantino Luz de (Org.). *A história da literatura como problema: reflexões sobre a crise permanente nos estudos diacrônicos de literatura*. Série E-books ABRALIC, 2018. Disponível em: <http://abralic.org.br/downloads/e-books/e-book03.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2021.

PIRAN, Carolina Monteiro de Barros. *Álvaro Lins: o crítico e suas fronteiras*. 2005. 109 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

QUEIROZ, Rachel. O fabuloso Lins do Rego. In. *Eurídice*. 6ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

RALLO, Elisabeth Ravoux. *Métodos de crítica literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RECHTENTHAL, Isabella Unterrichter. *Água-Mãe na produção romanesca de José Lins do Rego*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). 96f. UNESP, Araraquara, 2014.

REGO, José Lins do. *Eurídice*. Introdução de Nelson Werneck Sodré. Estudo de Rachel de Queiroz. Nota de Valdemar Cavalcanti. Nota biográfica de Wilson Lousada. 6ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

RODRIGUES, Marcos Antonio. *Álvaro Lins: leitor de Graciliano Ramos*. 2015. 166f. Dissertação (Mestrado em Letras). UNESP, Assis, 2015.

_____. *Álvaro Lins leitor do romance brasileiro: da recepção crítica ao legado teórico*. 2021. 344f. Tese (Doutorado em Letras). UNESP, Assis, 2021.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In. *Texto/Contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1974.

SANTIAGO, S. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* Trad. Carlos Felipe Moisés. Petrópolis: Vozes, 2019.

SILVA, Edvânio Caetano da. *A dimensão espacial na narrativa de Pedra bonita, de José Lins do Rego*. Dissertação (Mestrado em Letras). 103f. UNESP, Assis, 2016.

SILVA, V. M. A. *Teoria da Literatura*. 3. ed. Coimbra: Almedina, 1973.

SOUZA, Roberto de Acízelo. *História da Literatura: trajetória, fundamentos, problemas*. São Paulo: É Realizações, 2014.

SUSSEKIND, Flora. *Papéis Colados*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993.

TOTI, C. N. Críticas sobre a crítica de Álvaro Lins. In. *Terra Roxa e Outras Terras*. Londrina, v.16. p. 54-62. set/2009.

TRIGO, Luciano. *Engenho e memória: o Nordeste açucareiro na ficção de José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

ZILBERMAN, R. *Estética da recepção e história da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.